

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ
Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
Editor—Carlos Maria Coelho

ORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
ANO V—Número 1.495
Quarta-feira, 10 de Outubro de 1923
PREÇO—20 CENTAVOS

O ministro da Agricultura, como de há muito tínhamos previsto, só legislou no sentido de encher as burras aos lavradores e aos moageiros, desprezando os interesses do povo que não tem pão barato para comer.

O PAO

As características da
falência ruidosa do
capitalismo espanhol

Alguns dias antes do golpe de Estado que em Espanha elevou o general Primo de Rivera às culminâncias do poder, J. Maurin, de Barcelona, escreveu o artigo que a seguir se insere. Vale esse artigo pela observação dos factos que conduziram a Espanha à beira do precipício social onde se encontra e pela lição histórica admirável que a classe trabalhadora desses factos pode tirar.

O capitalismo espanhol afronta desde há muito enormes dificuldades sem que haja chegado a resolver nenhuma. Os dois partidos governamentais ficaram impotentes perante o problema agrário.

Até 1920, a emigração dos camponeses que subia todos os anos a perto de meio milhão de homens, evitava o agravamento da crise latente. Desde 1920, a

O que em torno do problema do pão se está passando é simplesmente revoltante. Não seria necessário ser-se adivinho para—logo que o actual ministro da Agricultura fez no regime cerealífero aquelas modificações que de mão beijada tudo entregaram nas mãos dos lavradores e moageiros—se afirmar que os célebres três tipos de pão visavam a permitir às moagens que nos impingissem apenas o pão mais caro.

A falta de pão de terceira qualidade, ou seja, do pão escuro, do pão bodega, do pão para porcos que ao povo se impingia por um dinheirão, fez-se sentir logo nos primeiros dias.

Exactamente como havíamos vaticinado essa falta foi aumentando até se chegar à deplorável situação presente: procurar-se nas padarias, às primeiras horas da manhã, o pão escuro e não se encontra porque os moageiros estão empenhados em vender apenas o mais claro, que dá mais lucro, se lucro se pode chamar ao roubo descarado que se está fazendo ao povo consumidor.

Diga agora o sr. Joaquim Ribeiro que a concorrência entre as moagens as obrigaria a baixar o preço do pão!

Diga agora o sr. ministro da Agricultura que tem lá a Manufacção Militar para meter os especuladores na ordem!

Não podemos acreditar que o sr. Ribeiro estivesse convencido de que as suas medidas viriam a surtir benéfico efeito ao povo. Não! O sr. Ribeiro legislou somente para favorecer os lavradores e os moageiros. Se assim não fosse teria atendido de melhor grado a comissão operária que o entrevistou e que o avisou de tudo que precisamente se passa neste momento; se assim não fosse não teria apresentado aquela tomosia suspeita que apresentou quando as comissões dos operários em greve do protesto contra o aumento do preço do pão o procuravam; se assim não fosse já se teria demitido ou emendado o erro cometido para pôr cobro às versões muito pouco agradáveis que a respeito da sua honorabilidade correm por toda a parte.

E não se lembrar a Inglaterra, tam afectuosa para conosco há uns tempos a esta parte, de condecorar o sr. Joaquim Ribeiro, como condecorou o António Maria...

NOS TERRAMOTOS

O extravagante procedimento do chefe Alexandre

A pretexto de procurar descobrir o autor da agressão a tiro de que foi vítima o guarda da Penitenciária Joaquim Bau, o chefe Alexandre, da esquadra dos Terramotos, está realizando prisões a esmo.

Uns quinze operários se encontram já a ferros naquela esquadra, de estranha não sendo que todos os moradores do bairro e o chefe Alexandre, por processo tam extravagante, persistir em demonstrar o seu zelo policial.

A liberdade individual, como o escudo, cada vez se deprecia mais neste democrático regime em que vivemos!

SECÇÃO TELEGRAFICA

Federações

METALÚRGICA
Sindicato de Peniche. — Acusem recepção dos Estatutos.
Covilhã. — Idem e respondam aos ofícios ultimamente enviados.
Sindicato de Viana do Castelo. — Respondam com brevidade ao nosso ofício 2660 e circular que o acompanhava.

CONSTRUÇÃO CIVIL

Pôrto.—Secção Federal. — Recebemos vosso ofício no dia 3 p. p. Aguardamos reunião do Conselho Federal.
Pôrto.—Sindicato da C. Civil. — Recebemos ofício; segue expediente.
Viana do Castelo.—Sindicato da Construção Civil. — Recebemos ofício com o dinheiro que dizeis. Breve segue a resposta.
Espinho.—Recebemos ofício. Para o assunto que tratais aguardamos reunião do Conselho Federal.

A questão de Tânger

LONDRES, 9. — Os técnicos espanhóis, franceses e ingleses encarregados de estudar a questão de Tânger estão dispostos a elaborar um relatório que permita à Conferência resolver definitivamente.

A Espanha da actualidade

Um artigo que, sendo escrito antes de se dar o golpe de Estado é duma oportunidade flagrante

a Espanha, potência insignificante, estiver senhora do estreito, a Inglaterra pode considerar-se como bem instalada às portas do Mediterrâneo. O chefe da insurreição marroquina, Abd-el-Krim é um agente da política francesa. Ele visa a expulsar os espanhóis da Costa de África e a colocar-se em seguida sob a suzerania francesa. Os governantes de Inglaterra não o entendem assim.

Ora a aventura marroquina provoca despesas que se elevam a um terço da receita total do país. O Estado em déficit é contudo forçado—pela Inglaterra, pela casta militar e por um terceiro poder oculto, a Companhia Mineira do Rif, a continuar esta campanha ruinosa. O regime capitalista da Espanha não pode cessar uma guerra que o impele para o abismo. Encontra-se, pois, num bico sem saída.

A indústria está na situação mais deplorável. Só um proteccionismo alfândegário vigilante lhe evita uma derrocada completa. Segundo o último exercício, o passivo do balanço comercial se elevou a 1,5 bilhões de pesetas; isto é: mais de 4 bilhões de francos (pouco mais ou menos 800.000 contos, ao par). A importação excedeu a exportação em 50%. A peseta está na baixa; perdeu 40 por cento do seu valor. O dólar passou, na Espanha, de 5 p. 18 para 7,50.

Os rendimentos do Estado apenas cobrem metade das despesas. Tem-se recorrido a empréstimos que aumentam ao mesmo tempo a dívida e ainda, em vista da necessidade de pagar os respectivos juros, a diferença entre a receita e a despesa. Estão em vigor todas as contribuições imagináveis.

Todavia, sendo os interesses da agricultura e da indústria cuidadosamente salvaguardados, são as classes médias e pobres quem paga; principalmente em impostos indirectos, os milhões necessários à manutenção da Corte, do Clero, da Polícia, da Guardia Civil e

da continuação da guerra de Marrocos. Resulta disto um estado de irritação permanente nas massas das cidades.

A decomposição dos partidos políticos acaba de tornar a situação extremamente instável. Há dois anos que a Espanha é governada por governos de coacção que não procuram resolver os problemas mas fazer frente às dificuldades imediatas e a manterem-se. São governos de transacção. O último se constituiu em novembro de 1922, de todas as fracções do liberalismo, incluindo a mais avançada, a do reformismo radical que até agora não tinha intervido no exercício do poder. Anunciou-se como resolvido a acção.

Nada tem feito. Faliu completamente. Vai cair. E então?

As dificuldades serão extremas. A voz dos que pedem uma ditadura—uma reacção ditatorial limitada do fascismo, mas adaptada à Espanha—torna-se cada vez mais alta. Uma simi-

lhante reacção parece dever triunfar se um movimento revolucionário o não impedir. É possível um tal movimento?

As massas trabalhadoras estão hoje—excepto em Barcelona—bastante à parte das organizações operárias. As faltas da direcção do movimento tornam-se desanimado. Contudo, estamos assistindo a um despertar; vão-se manifestando aspirações a uma organização mais coerente, mais firme.

A revolução efectuar-se há em Espanha pela desagregação das classes dirigentes. A situação da classe operária é contudo das mais perigosas.

Tempos confiantes. Enquanto a decomposição do Estado vai realizando-se, a consciência revolucionária vai-se desenvolvendo. Pode-se ainda esperar que ela terá atingido, antes do triunfo completo da reacção, um grau suficiente para impedir esse triunfo.

Joaquim MAURIN

Factos dos nossos dias
que nos devem servir
de lição para o futuro



RAMON CASANELLAS, actual official aviador da Rússia Soviética e verdadeiro autor do atentado

O processo do atentado contra Oato

A defesa produz afirmações brilhantes

MADRID, 6. — A audiência de ontem foi uma das mais interessantes. A acusação apresentou um libelo formidável contra os reus embora tivesse a determinação altura, confessado que as provas eram pouco claras. Termina, pedindo a pena de morte para Pedro Maten e Luis Nicolau, para outros reus que acusa de cúmplices, quinze anos de prisão e para o encobridor «El Florista» oito anos.

A defesa, que foi brilhante, desfaz as acusações, explicando detalhadamente as razões porque Pedro Mateu, amigo de Ramon Casanellas desde infância, se dissera a princípio autor do atentado para dar a este tempo de pôr-se em fuga.

Disse com muita energia que a vida do presidente do conselho não valia mais do que a dos últimos dos cidadãos, por que a Natureza a todos fez iguais no nascer e no morrer.

Parce diz a defesa—que se quer dizer—já que Casanellas fugiu, tu, que lhe facilitaste a fuga, pagarás a pena que se lhe deveria impor.

Disse que vieram muitas testemunhas dizer que viram a «moto» mas nenhuma ousou afirmar que eram os reus os autores do atentado. Há testemunhas que dizem que eram dois os indivíduos que ocupavam a «moto», outras que eram três, outras, quatro e há até outros que afirmam que eram duas ou três «motos».

A defesa ainda:—Disse o sr. Ochoaudo que viu a «moto» de Serrano; mas não viu a «moto» com que se cometeu o atentado, porque declarou que era encarnada quando, afinal, era cinzenta.

Diz que não se pode condenar um homem sem provas.

Examinando ainda a prova testemunhal recorda que uma testemunha que dizia conhecer os processados apontou para Luis Nicolau chamando-lhe Pedro Maten.—E! que não podia reconhecer quem nunca o tivesse visto!—exclamou.

Terminado dizendo que, acima de todos, há quem castigue os erros numa vida superior e nas páginas da História. Suplica, para bem da Espanha, por honra da justiça, se dê uma sentença conforme solicita.

Um desmazelo do Estado

Algumas testemunhas protestaram junto das redacções dos jornais contra o facto de não lhes pagarem as despesas da sua estada em Madrid. Há muitas testemunhas da provincia falhas de recursos que terão de estender a mão à caridade para poder voltar às suas terras.—(E.)

Em Barcelona

Sindicalistas detidos

MADRID, 8.—São 21 os sindicalistas detidos ontem à noite em Barcelona. A

polícia recusa-se a divulgar os seus nomes.—(E.)

Marinheiros rebeldes

MADRID, 9.—Foram postos à disposição das autoridades de Barcelona José Garcia Robles, Francisco Cervantes Martinez e João Martinez Caparrós, marinheiros do Rio de La Plata, por proferirem gritos considerados subversivos contra a pátria na rua do Mediodia.—(E.)

O regime universitário

MADRID, 9.—O contingente militar de 1924 foi reduzido por determinação do Directório.

Na Universidade de Madrid foi anexada uma nota de opinião dos estudantes e das associações escolares acerca das modificações no regime universitário. Nessa nota solicita-se que se façam exposições por escrito dos alvites que ocorram apresentados pelos

catráticos e pelos representantes das associações escolares, sendo os primeiros recebidos todas as segundas, quartas e sextas, das 11 às 12 e os segundos todas as terças, quintas e sábados à mesma hora.

A confederação de agricultores galegos manifestou a sua adesão ao Directório Militar.

Duas detenções

MADRID, 9.—Comunicam de Barcelona que ingressaram no cárcere, à disposição do juiz permanente da Capital, os indivíduos Marcelino Marferrer e José Pi Guillem, que foram detidos na povoação de Torrelló, por suspeita de se dedicarem à fabricação de explosivos, no do núcleo do primeiro foi encontrado uma bomba.—(E.)

Notícias de Marrocos

MELILLA, 9.—A aviação continuou a bombardear os zocos inimigos, causando muitas baixas em Yemas e Guemaza.

Excursão a Setúbal

Previnem-se os indivíduos que levaram bilhetes para passar e que tenham ainda alguns em seu poder, que os devem vir hoje devolver à administração da BATALHA ou respectiva comissão, a fim destas poderem fazer a entrega das importâncias dos bilhetes vendidos.

Os presos de S. Julião da Barra

Ainda não foi definida a sua situação — Actos selváticos praticados pela policia contra os presos

Ainda não foi tomada resolução alguma sobre a situação dos presos de São Julião da Barra, que há mais de 3 meses sofrem os horrores do cativeiro sem culpa formada, parecendo que as autoridades se comprazem em torturá-los, pois não há razão que justifique a sua detenção sem que a sua situação seja definida como a lei determina.

Nun momento de indignação e desejo de justiça, aqueles presos declararam a greve da fome, único meio ao seu alcance para imporem a sua vontade contra a injustiça de que são vítimas.

Ninguém pode negar a razão que assiste aos presos. Parece que mais de 3 meses de prisão é tempo suficiente para se verificar a sua culpabilidade, apesar de as leis não permitirem tam grande arbitrariedade, porquanto ninguém pode estar detido mais que oito dias sem culpa formada e aqueles presos encontram-se ali há mais de 3 meses nessas condições. Além disso presumes-se que estiveram um mês incomunicáveis, quando a lei estatui 48 horas.

Estes casos não se verificam porque as autoridades desconhecem a lei, o que seria um caso único, mas porque há o malvado intuito de prolongar o sofrimento dos operários ali detidos.

Outra coisa não se pode depreender da atitude assumida pelas autoridades que há muito poderiam ter cumprido a lei, respeitando assim a constituição que aos outros obrigam a respeitar quantas vezes pela violência.

O procedimento adoptado para os presos de S. Julião da Barra pode classificar-se de bárbaro. Não o entendem assim os seus perseguidores porque ainda não se lembraram de ser humanos e terminam com uma situação que se torna irritante e revoltosa os espíritos mais pacatos.

A comissão da União dos Sindicatos Operários voltou ontem a procurar determinadas entidades, com as quais teve várias demarches no sentido de se aclarar a situação dos presos que se encontram em S. Julião da Barra e no governo civil.

viar os trabalhos para pôr em liberdade os que não tenham culpas e formar processo áqueles que devem ser entregues aos tribunais, se é que há alguns nessas condições.

Não descausa, porém, essa comissão nos seus trabalhos, esperando que justiça seja feita aos presos, continuando a prevenir todos os organismos que se mantêm na expectativa até que de por lindos os seus trabalhos.

Os promettimentos feitos agora são a repetição de outros que constantemente se fazem áqueles e outras comissões. Veremos se desta vez as autoridades entram pelo caminho da justiça definindo a situação dos presos—ou põ-los em liberdade ou entregá-los aos tribunais.

Como se trata um preso doente

Na enfermaria da cadeia do Limoeiro e vindo de São Julião da Barra, encontra-se o operário José Jorge, em virtude de ter sido atacado por uma forte dor de cólica que lhe fez paralisar as pernas, não podendo por isso andar.

Na sexta-feira, o médico respectivo, indo à enfermaria, mal chegou à cama do doente e deu-lhe alla para segunda-feira, como se aquele operário estivesse em condições de sair da cama, porque está cheio de febre e não se pode mexer.

Nem há humanidade para os doentes! Espantamentos bárbaros

Num quarto particular do governo civil, sem ar nem luz, encontra-se incomunicável António Augusto dos Santos, que havia fugido de São Julião da Barra.

Já foi agredido bárbaramente por três vezes pelo agente Soares da P. S. E. Da última vez espantaram-o tam desalmadamente com uma carabina que a corouba desta se quebrou!

O preso tem o corpo cheio de manchas negras, gollando sangue pela boca a miúdo.

Este procedimento da policia só é próprio de canibais! Com certeza que o governador civil, o comandante da policia ou outras entidades que por lá di-

rigem os serviços, desconhecem que os seus subordinados são umas verdadeiras feras...

Porém, tantas vezes temos apontado casos de igual barbarismo, e eles continuam a repetir-se, que julgamos que aquelas entidades se encontram muito longe do governo civil.

A não ser que lhes agrade e apoiem a atitude canibalesca dos seus fiéis servidores—atitude que só revela cobardia porque agredem criaturas indefesas.

Basta de selvagerias, senhores da policia!

REVULSIVOS

Borges de Sousa prossegue Na tarefa em que caraciza (Ninguém o valor lhe negue) De vender carvão à bicha E ao diabo que o carregue.

No seu provido armazém, Ali da Terceira do Trigo, Margarida bon tem A que o freguês chama um ligo E outras coisas, também.

Barateiro, até mais não, Tem tamanha frequência, Sobre o seu carrão, no meio, Que ate vem cavalaria Para guardar-lhe o barracão.

Delicado e atencioso, A freguês, o sujeito Quando calha, generoso, De seu empurro, no meio, Se livra o do guinchoso.

Meio ralado vai a guarda, Aquêllo narrato bello, Onde o Borges se alapa, Contra o rebanho famélico Que já não pode co'a albarda.

J. B.

INSTRUÇÃO

Exonerações

Fôram exonerações os srs. Simões de Roches da Cunha Brun, de reitor do liceu da Horta; Artur Gonçalves Medina, de secretário do liceu da Póvoa de Varzim; João Rodrigues da Silva Costa, de professor efectivo do 4.º grupo do liceu de Angra e António Matos, de professor agregado do 5.º grupo dos liceus.

A obra de Plínio da Silva

As perseguições aos ferroviários continuam, não se respeitando mesmo aqueles que estão doentes

Os ferroviários do Sul e Sueste continuam a ser perseguidos. Os administradores dos caminhos de ferro, à frente o ditador Plínio, vingam-se assim cobardemente das acusações que lhes foram feitas a propósito da sua incompetência que tem levado as linhas do Sul e Sueste a um perfeito caos.

Quando foram desmascarados não conseguiram vingar-se, embora reservassem, com todo o rancor, para melhor oportunidade os desejos de desforra.

Essa oportunidade appareceu agora. A greve de protesto levada a efeito pelos ferroviários do Sul e Sueste serviu à maravilha para sobre estes trabalhados de desdenhar todo o ódio que o ditador Plínio e os seus confrades tinham retido.

A ocasião não podia ser melhor aproveitada pelos verdugos. O que não são é contas da sua incompetência tantas vezes nestas colunas posta em foco. Nem dão essas contas nem lhes exigem aquelles que se dizem zeladores dos interesses do povo.

E como era necessário fazer esquecer os efeitos produzidos no público pelas acusações formuladas não só pelo Sindicato dos Ferroviários do Sul e Sueste como por vários elementos da classe, os ditadores perseguem acietosamente os ferroviários na ânsia de se desforrarem, e no desejo de que não se ponha mais a nua a sua incompetência, convencidos talvez de que com as suas violências evitam a continuação de se dar publico ao libelo acusatório.

E nessa doce ilusão, o ditador Plínio e os seus confrades, apoiados por esses repugnantes «gremistas» que desempenham o papel de viz calunidores e delatores e rafeiros consumados, continuam perseguindo sem descanso.

No Barreiro foram presos os ferroviários Joaquim Correia de Barros, que já estava ao serviço; Leopoldo Calapez, quando se apresentava; Estevam Vaz, Alvaro Avelino Serra, Anselmo Paixão, Domingos Eusébio, Alvaro Cruz, António Vicente Fernandes, Mário Vitorino Enguica e Manuel José Adel, encontrando-se todos nos quartos particulares do Governo Civil, além dos que já ontem fizemos referência.

Também ali foi preso na segunda-feira o ferroviário Manuel Martins Rosa Júnior, o qual apesar de se encontrar muito doente como foi constatado por um médico, o conservaram dentro de um vagão dos destinados ao transporte de gado.

Igualmente foi preso anteontem à noite, encontrando-se no governo civil, o ferroviário Alfredo Pinto.

Também Joaquim Cigarrito foi preso na segunda-feira, mas puzeram-no ontem de manhã em liberdade por ter sido do amarelo.

Ontem de madrugada deu entrada no calabouço n.º 4, do Governo Civil, o guarda-freio António Barulho, que foi preso a bordo do vapor quando vinha para Lisboa a continuar um tratamento que há muito anda recebendo dum médico especialista.

E segue para honra e glória do ditador Plínio.

Tem continuado a comissão composta de delegados da Federação Ferroviária, do Sindicato do Sul e Sueste e do Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade, a tratar da liberdade dos presos, tendo ontem havido uma conferência nesse sentido com o governador civil.

Os ferroviários presos em Evora

EVORA, 8.—Continuam presos na esquadra de policia, desta cidade, os camaradas Margelino da Costa, Francisco Zorro, António Maria dos Santos e Augusto Félix Marques sem que até agora lhes tenha sido dado qualquer destino e sem ao menos sabermos de que são inimigos.

A classe ferroviária tanto desta localidade como dos arredores e muito especialmente bem nitidamente a sua solidariedade para com os camaradas presos e oxalá que esse gesto digno de homens que sabem o que querem e o que valem, demovam as autoridades de continuarem a perseguir operários honestos.

Cabe-nos aqui registar a forma delicada e atenciosa como os camaradas presos estão sendo tratados.

Igualmente registamos com prazer o facto de não terem sido conduzidos a pé, de Casa Branca a Evora, como constou, os camaradas Margelino e Zorro, conforme foi noticiado pela BATALHA do dia 7, ficando portanto rectificada, nesta parte, a notícia respectiva.—E.

Do Sindicato Ferroviário do Sul e Sueste recebemos a seguinte:

NOTA OFICIOSA

Em vez de se acalmar a excitação dos ânimos, os dirigentes dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, com Plínio Silva à sua frente, lançaram-se no caminho das violências e das perseguições, exercendo a vingança mesquinha e odiosa contra o pessoal.

Acham-se presos mais de quarenta ferroviários e procuram-se muitos outros, apesar de não terem responsabilidades e sobre eles pesarem apenas as acusações que as várias denúncias engendraram.

Estão transferindo muitos outros e vão ser demitidos alguns. Perseguem-se os elementos mais conhecidos da classe por mero espirito de vingança e represália. Não podendo tolerar que os ferroviários proclamassem a sua incompetência administrativa em face do descalabro a que os Caminhos de Ferro chegaram e querendo absorver toda a receita do aumento das tarifas, ultimamente concedido, sem fazerem a mais leve concessão ao pessoal, procuram neste momento aniquilar os ferroviários aproveitando o interregno que a terminação do protesto lhes proporciona.

Os serviços normalisaram-se por determinação expressa do Comité e resolução do pessoal, não havendo motivos para represálias, mas não obstante esse facto se ter produzido, as perseguições continuam e ameaçam prolongar-se. Rosa Mateus e Plínio Silva querem mostrar a Raúl Esteves que não estão coligados com os agitadores e que são suficientes para reprimir uma greve, mas esquece-se o primeiro de ter sido colocado no lugar que occupa pelos ferroviários e o segundo de se declarar—seu amigo e camarada—acrescido da circunstância de qualquer regedor do

Teatro Maria Vitória

- HOJE -

Últimas representações da interessante revista

FADO CORRIDO

Amanhã

Festa artística da actriz LAURA COSTA

com a reprise da revista TIC-TAC

freguezia poder fazer circular combóios, pela ausência completa de actos de sabotagem visto tratar-se de um simples movimento de protesto e não uma greve por tempo indefinido.

As lesões desses homens só agora aparecem, depois de saberem que o pessoal não podia nem queria correr o risco de serem julgados por se terem movido sem a ordem da comissão de greve. É preciso que o público saiba, que no Sul e Sueste, desde a entrada de Plínio Silva, só política de compromisso se tem feito, sendo a administração relegada para um plano secundário. Para desfirmar o movimento de protesto, desfirmar os políticos, que têm a sua vida a secundar uma qualquer revolução que estava anunciada, quando o referido movimento só rebentou à 1 hora da madrugada no dia 3 já quando se tinham esvaido em Lisboa os boatos de revolução.

Perante o delegado do governador civil de Lisboa foi o movimento resolvido pelo pessoal, na assembleia magna do dia 25 do p. p., como consta das notícias publicadas pelos jornais de 27. O contrário disto, é especulação ignóbil, para justificar fins ocultos por parte dos dirigentes. O sr. Rosa Mendes sabe muito bem que o movimento ferroviário não pára para fins políticos sendo por exigência dum revolução triunfante que impunha essa paralisação.

Sem estarem suspensas as garantias, privam os ferroviários de reinar e mantêm encerrado o Sindicato, sem justificar legalmente tais medidas. Apesar disso não conseguem evitar a revolta do pessoal que cada vez é maior e que terminará por uma explosão de desespero e de protesto de consequências piores.

Em tôda a linha, nas oficinas, nos depósitos, nas estações, etc., vão sendo iniciadas subscrições para os presos e demitidos, vítimas do ódio de Plínio Silva e Rosas Mateus contra a classe. Em tôda a parte haverá camaradas que imediatamente para quem sem perda de tempo a solidariedade do pessoal que está ao serviço se manifeste em favor dos perseguidos. Todas as importâncias apuradas devem logo ser remetidas para o Barreiro. — O Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste.

Coluna esperantista

Operários Alfaiates.—Está aberta a inscrição para o novo curso elementar de esperanto todas as terças e quintas-feiras para os camaradas de ambos os sexos de qualquer indústria, que sejam sindicalizados.

Lisboa.—Verda Stelo.—O curso que funcionava às quartas e sextas-feiras, funcionará de futuro, às terças e sextas-feiras, das 20 às 21.30 horas. Da mesma forma o que funcionava às terças e quintas-feiras, funcionará de futuro às terças e sextas-feiras, das 21.30 às 23 horas.

—Pede-se aos camaradas que ainda não prestaram contas dos bilhetes para o fazerem o mais rapidamente possível.

Os que morrem

FALECIMENTOS

Manuel Francisco Bacalhau

Na sua residência, rua Antero do Quintal, 3, 5.º, faleceu ontem este nosso camarada, vítima da tuberculose.

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 16 horas, sendo o acompanhamento a pé.

Pela C. P.

As Oficinas Gerais transformadas em coio de reacção

Em diversos artigos inseridos em A Batalha, muitas coisas se tem dito sob a condução dos engenheiros que prestam serviço dentro das Oficinas Gerais da C. P. O mais importante, por que aqui é que se vê o quão daqueles cavalheiros, e a sua biografia. Passo a transcrever.

João Carlos de Adriaes Sequeira: não sei a sua filiação partidária, mas pela maneira vil, despótica, inconsciente e parva como procede, deve pertencer a algumas das associações de reacção onde de certo será patrono. Autoritário, despótico, e inconsciente aplica castigos impróprios de um homem culto e humano, não admitindo sequer a defesa dos castigados.

Onde se viu maior inconsciência e despotismo? Esse direito está consignado na constituição política do país, não se negando ao maior criminoso o recurso de se defender.

Onde se baseia então o engenheiro Sequeira para não admitir a defesa dos que lhe castiga desalmadamente?

É isto disciplina ou indisciplinar? Engenheiro Mendia, filho do sr. conde de Mendis: um monárquico confesso, Rui Sousa Azevedo, filho do visconde de Algeis, um monárquico perseguidor do pessoal.

Se Mendia é mau, este cavalheiro ultrapassa tudo o que há de pior.

Lourenço Vaz de Almada, (conde de Abrantes), monárquico pertencente à facção manueísta, muito delicado e... namorado.

Aqui está a breve biografia de todos os engenheiros que fazem serviço nas Oficinas Gerais da C. P.

Há mais que dizer, mas fica para novo artigo. — Ali.

Classes que reclamam

Operários têxteis de Lisboa

Reúniu a Associação de Classe União Têxtil para apreciar várias reclamações apresentadas por componentes da colectividade aos industriais sobre aumento de salário e que há meses vem sendo formuladas sem serem atendidas, especialmente os operários da fábrica de Vilma, que são os mais mal pagos devido ao trabalho ser mais violento do que em qualquer outra fábrica do mesmo género.

Este organismo informa o público de que aqueles operários desde Maio vem fazendo as suas reclamações de 50 0/0 e até hoje não foram atendidas.

Ontem, a comissão de «demarches» procurou conferenciar com o sr. António Ribas, patrão-gerente da fábrica, sendo respondido que a receberia hoje, esperando a comissão ser atendida por quanto a miséria é grande entre aqueles operários.

As operárias da fábrica de merinos queixam-se a este sindicato de que estão sendo vítimas de uma vingança devido ao último movimento grevista, sendo de grande conveniência que os perseguidores modifiquem o seu procedimento.

Em face da recusa dos armadores em atender o pedido de aumento de salário, a assembleia desta classe resolveu ir junto dos poderes competentes para que fossem aqueles a cumprir a lei das 8 horas de trabalho.

Resolveu ainda que a direcção reúna conjuntamente a Federação Marítima para deliberarem o caminho a seguir.

Operários do Município

Como protesto paralizam amanhã o trabalho por meio-dia

Reuniram em sessão magna para apreciar as «demarches» da comissão de melhoramentos, que, depois de expor o resultado dos seus trabalhos, explicou os motivos porque não convidou o operário municipal a abandonar o trabalho como demonstração de protesto contra a maneira como a Câmara tem protelado as reclamações formuladas.

Vários oradores censuraram asperamente o facto de a comissão executiva da mesma Câmara alegar não poder conceder o aumento de salários que já aprovou em 1922 e em Novembro, forçando assim operários a continuarem lutando com uma situação angustiosa.

A assembleia resolveu manifestar o seu protesto contra o facto paralizante amanhã o trabalho por meio-dia.

Marítimos de Longo Curso

Nota oficiosa da comissão de demarches.

Tem continuado esta comissão nas suas demarches a fim de solucionar o conflito latente com os armadores, tendo já a adesão de algumas companhias armadoras, esperando que mais algumas dentro em breve atendam as suas justas reclamações.

Já saiu para o mar um navio da casa armadora que atende o nosso pedido, como sairão todos os outros, que o satisficam.

Para apreciar o resultado das demarches efectuadas e a efectuar as convocações as 3 classes, a reunião amanhã, 11, pelas 18 horas, nos seus sindicatos.

AS GREVES

Metallúrgicos da União Térmica

Não tendo dado resultado a «demarche» que o delegado da Comissão de Melhoramentos do Sindicato realizou junto do engenheiro gerente das oficinas metallúrgicas da Cruz Quebrada, a fim de conseguir a melhoria de salários para o pessoal da secção de fundição, que se encontra em greve, o mesmo pessoal, na sua reunião de ontem e depois de ouvir o referido delegado que reproduziu a opinião do engenheiro sr. Cruz, resolveu manter a mesma atitude, de não retomar o trabalho enquanto aquele senhor não modificar a sua opinião.

Na reunião de ontem também o delegado da comissão de melhoramentos comunicou que, tendo perguntado ao referido gerente qual a sua opinião sobre a situação do restante pessoal das outras oficinas, o mesmo senhor declarou que sob o ponto de vista de aumento de salário estava intransigente, por motivo baseado nas dificuldades da situação actual.

A comissão de melhoramentos do Sindicato continua a apelar para todos os fundidores, macheiros e torneiros, para que não vão trabalhar nas oficinas da Cruz Quebrada a fim de não traírem os seus camaradas em greve.

EM CEIA

Operários da fábrica João Dias

CEIA, S.-C.—Como comuniquei há dias, parte do pessoal da fábrica de João Dias declarou-se em greve em virtude de não serem atendidos os seus pedidos de salário.

No sábado 6 foram chamados os grevistas, a quem João Dias declarou que dava o aumento pedido, regressando todos ao trabalho.

Foi uma vitória grande, pois que, como disse, não há aqui organização sindical.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

Um apêlo

Ferreira Quartel teve há meses a infelicidade de lhe morrer uma filha, de quem não possui retrato algum. Ser-lhe-ia por isso muito grato cedermos-lhe a fotografia, em que sua filha figura, do grupo tirado em Queluz por ocasião do passeio ali realizado pelo Ateneu de Educação Popular, a fim de mandar fazer uma reprodução.

Quem se dispuser a atender o apêlo de Ferreira Quartel, deve entregar a fotografia na administração de A Batalha.

Teatro São Carlos

HOJE: Quarta-feira, 10

Inauguração da época de inverno pela Companhia Lucília Simões

A indissolúvel peça de enorme êxito

A CASA EM ORDEM

Brilhante programa pelo sexto Magistralcriação de LUCILIA SIMÕES. O teatro mais confortável e os mais belos espectáculos de Lisboa.

Preços sem locação, a qualquer hora do dia: Frisas e camarotes de 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª 17500, Torrinhas, 1.ª, 2.ª, 3.ª e 4.ª 7500 e 5.ª 3500, 6.ª 1750 e 7.ª 750.

VIDA SINDICAL

U. S. O.

Conselho de Delegados

Reúne hoje, pelas 21 horas, o conselho de delegados para se apreciarem as demarches junto de várias classes sobre a questão Casa dos Trabalhadores e a questão dos delegados da Associação dos Empregados de Escritório; bem como outros assuntos.

COMUNICAÇÕES

Federação dos Trabalhadores Rurais.—Reúne em 2.º corrente a comissão administrativa para tratar de vários assuntos de interesse sindical, tendo apreciado vários expedientes a que deu o devido despacho.

Apreciou depois o relatório do delegado que foi à Graça do Divor e que exteriorizou o seu descontentamento pela forma incorrecta como os sindicatos daquela localidade se comportaram, sendo resolvido fazer-lhes sentir o desejo deste organismo de que se não repitam factos dessa natureza, para prejuizo da organização operária.

Por último foi lido um enérgico protesto contra o intolerável despotismo do governo, que se recusa a dar a liberdade aos presos de S. Julião da Barra, ao contrário da que acertadamente fez com os últimos presos políticos.

Estivadores do Porto de Lisboa.—Reúne esta classe para tratar de diversos assuntos, entre eles o que diz respeito ao aumento de salário, resolvendo esperar pelo resultado das demarches encetadas pela Federação Marítima.

Protestou também contra as perseguições que se tem exercido contra os trabalhadores, resolvendo contribuir com 500 escudos para os presos por questões sociais e 300 escudos para os camaradas estivadores que estão doentes e presos.

Resolveu por último fazer-se representar por 3 delegados na próxima conferência inter-sindical e voltar a reunir no próximo domingo para deliberar sobre a imediata entrada em vigor da Caixa de Pensões.

Operários alfaiates.—Reúne a assembleia geral que apreciou largamente a circular n.º 4 da U. S. O., tendo nomeado delegados à conferência de S. U. de Almada.

Passando em seguida à discussão do último movimento sobre o pão, resultou a assembleia demitir um dos delegados à U. S. O., tendo o outro pedido a demissão.

Como consequência, foram nomeados novos delegados aquele organismo os camaradas Ernesto Bonifácio e Manuel Teixeira.

CONVOCAÇÕES

Federação Metallúrgica.—Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão administrativa e à 21 a comissão organizadora do Congresso.

Federação de Calçado, Couros e Peles.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Manufactureiros de Calçado.—Para apreciar assuntos de grande interesse para a reunião amanhã a assembleia geral, pelas 21 horas.

Corticeiros de Belém.—A direcção deste sindicato, tendo reunido para apreciar vários assuntos graves que se prendem com a classe corticeira nesta área, entre eles a greve na Estrela e a eleição para fiscal, resolveu convidar para hoje todos os corticeiros desta área a reunir pelas 20 horas.

Dada a importância dos assuntos pede-se a comparecência de todos os componentes do sindicato.

SINDICATOS

S. U. Metallúrgico de Almada.—A comissão administrativa convida a reunir hoje, pelas 18 horas, todos os metallúrgicos das casas de Olho de Boi, Palença, Arrábida e Banática, para se tratar de um caso de grande importância.

Também são convidados a comparecerem no sindicato os cobreadores das casas de Banática, a fim de prestarem contas, o que desde Maio não fazem.

Que ninguém falte a esta reunião.

Rurais de Extremoz.—Reúne no domingo a comissão administrativa, para se ocupar da situação do sindicato, tendo resolvido convocar a assembleia geral para o próximo domingo, 14, com a seguinte ordem de trabalhos:

Nomeação de camaradas para os cargos de secretário geral e de vogais, que se encontram vagos; adesão à Federação e à C. G. T.; apreciação dum ofício da Federação e de outro dos presos por questões sociais que solicitam o auxílio material deste sindicato.

S. U. de Construção Civil de Almada.—Com a presença de um delegado da Federação, reúne hoje, quarta-feira, pelas 19.30 horas, a assembleia geral. Atendendo à importância do assunto, precisa-se a presença de todos os sindicatos.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Secção Mista de Belém. — Deve reunir esta semana a Comissão Executiva transacta a fim de dar posse à nova Comissão Executiva eleita na última assembleia geral, sendo necessária a presença de todos.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

Teatro Nacional

HOJE

Última recita da moda

com a farça

O Cabeça de Turco

Recita dedicada ao empresário teatral MACEDO E BRITO

Interesses de classe

NORTE AMÉRICA

A odisseia dum preso

Abe Shocker, um dos 63 I. W. W. presos em San Quentin (Califórnia) suicidou-se, enforcando-se na sua cela no dia 9 de Agosto pela manhã. Por causa da última greve sustentada em San Quentin pelos presos, membros de I. W. W., Shocker esteve 42 dias encarcerado num calabouço. Quando foi levantada a sua incomunicabilidade foi necessário enviá-lo para o hospital por causa da sua fraqueza mas logo a seguir, mandaram-no para o pórtico, a fim de proceder à descarga de carvão. Passados alguns dias a gravidade do seu estado obrigou a que o enviassem novamente para o hospital, mas no dia seguinte foi mandado com escolta para uma pedreira, na qual trabalhou todo o dia. À noite entrou no seu calabouço completamente esgotado, e na manhã seguinte o seu corpo foi encontrado pendurado no tecto da sua cela.

A greve dos mineiros de Bingham

No dia 1 de Maio os mineiros de Bingham (Utah) declararam-se em greve, reclamando que a companhia lhes facilitasse lavatórios adequados, de modo a que eles pudessem lavar-se, e mudar de roupa ao abandonar o trabalho. A companhia mineira inutilizou este movimento, servindo-se da polícia para esse fim. Todos os delegados da I. W. W. foram presos e enviados para a cidade do Lago Salgado, onde foram postos em liberdade, passada uma semana. Os membros da I. W. W., depois de terem voltado ao trabalho, realizaram um comício, e resolveram então continuar a greve no próprio trabalho. O resultado desta greve pode entrever-se na seguinte nota inserta no diário «Salt Lake Tribune»: «A U. S. Mining Co.» diz ele — construirá um edifício ligado com a própria mina, e mobilado de forma a que possa servir de lavatório, e de quarto de vestir aos mineiros.

Um padre assassinado

CHICAGO, 9. — Foi assassinado um padre grego na sua igreja, na presença de 300 crentes por uma mulher de nome Mrs. Strutzky. A criminosa foi presa tendo declarado que tinha assassinado o padre Slesuk porque este tinha acusado o seu marido também padre, de se ter apropriado dos bens da igreja. Mrs. Strutzky conseguiu cometer o seu crime tendo entrado na igreja coberta com um espcoso veu e dirigindo-se para o confessional onde estava próximo do altar. Alí ajoelhou-se, tirou da sua mala uma pistola e alvejou o padre no altar com 5 tiros, dois dos quais lhe atravessaram a cabeça.

As dívidas europeias

LONDRES, 9. — O presidente Coolidge dos Estados Unidos discursando em New-York disse que os Estados Unidos estão dispostos a fazer-se pagar das dívidas que a Europa contraiu.

A revolta dos penitenciários

NEW-YORK, 9. — O pessoal da prisão de Edwylle em Kentucky viu-se obrigado a empregar gazes asfixiantes para dominar os quatro penitenciários que se tinham revoltado, tendo morto dois guardas e que se tinham barricado na cozinha do estabelecimento onde se conservavam há alguns dias, defendendo-se a tiro contra os guardas que pretendiam ali penetrar. Pretendiam fazer saltar a cozinha por meio de dinamite mas resolveu-se optar depois pelo emprego dos gazes asfixiantes, o que deu em resultado a morte dos quatro criminosos.

RUSSIA SOVIÉTICA

Elogios dos americanos ao governo

NEW-YORK, 9. — A missão americana que foi, sem carácter oficial, inquirir das actuais condições da Rússia, é composta pelo senadores King, Ladd e pelo sr. Fran, membro da Câmara dos Representantes, que voltou a esta cidade depois de se ter demorado 10 semanas na Rússia e de ter visitado Moscú, Petrogrado, a Sibéria, a Ucrânia, o Azerbeijão, a Arménia e outras regiões.

O sr. King declarou que tinha sido sempre contrário ao reconhecimento do governo dos soviéticos, mas tendo o problema aumentado de importância e tendo-se tornado a questão russa uma questão de interesse vital, tinha resolvido ir ver as coisas com os seus próprios olhos e tinha reconhecido que havia melhoramentos económicos muito importantes na Rússia e a situação política era muito melhor do que se esperava encontrar.

O governo dos soviéticos estava absolutamente resolvido a sanear as finanças. A Rússia agora só necessita muito de duas coisas: mais liberdade e mais capitais particulares empregados em empresas privadas. O sr. King acrescentou que um dos grandes males da Europa era o estreito espírito de nacionalismo de que todas as nações estavam possuídas. Disse mais que a Inglaterra tinha compreendido bem que a questão das reparações era uma questão de interesse vital para a paz da Europa e em sua opinião, o seu governo estava procedendo com prudência, revelando os seus ministros grandes qualidades de estadistas.

A eterna questão do petróleo

NEW-YORK, 9. — A imprensa diz que a Standard Oil se mantém afastada de todas as tentativas que a Royal Dutch faz para cooperar com os soviéticos. Observa-se que os contratos que tem sido feitos pelos soviéticos resultam onerosos e nunca são satisfeitos a tempo. A essência russa fica a 90 shillings por tonelada entregue em Londres enquanto que a essência americana fica em Londres por 75 por motivo da última baixa dos petróleos americanos.

A Royal Dutch tem promovido várias reuniões em Paris para examinar e estudar atentamente a situação internacional dos petróleos russos. As personalidades do grupo americano quando forem convidadas para conferenciar com os grandes produtores de petróleo acerca da questão do petróleo russo e americano aceitarão o convite mas guardando a sua liberdade de acção.

ITALIA

Mussolini e o operariado

ROMA, 9. — O senhor Mussolini tem continuado as suas conferências com os dirigentes operários para se documentar acerca das questões obrceiras em vista dos projectos de lei que pretende apresentar no parlamento e que interessam às classes operárias.

QUEM QUER

vestir bem e barato confronta os preços do

Depósito da Covilhã

porque vende directamente das fábricas ao consumidor esplendidas fazendas de lá para fatos e vestidos.

Lás em fio para malhas.

Tem alfaiate

Rossio, 93, 2.º andar

Telefone 4670 N. (Ascensor).

FILIAL: Rua do Ouro, 206, 1.º andar, entrada Loja da América.

Mutualismo e cooperativismo

Cooperativa de Carnide. — Em segunda convocação reúne hoje, pelas 20 horas, na sede da Sociedade Dramática, desta localidade, (Vila Quimaraes), a assembleia geral extraordinária, com a seguinte ordem de trabalhos:

1.º Apreciar a situação dos sócios que tenham débitos na Cooperativa, e qual a orientação a seguir de futuro, de molde a acautelar o património colectivo.

2.º Apreciar os pedidos de demissão do 1.º e 2.º secretários e dum vogal da Direcção, do director gerente e dum membro do Conselho Fiscal.

3.º Deliberar o caminho a seguir.

Fazendas para homem e senhora

Vende VIRGILIO ARRAIANO COVILHÃ

S. U. Metallúrgico de Almada

NOTA OFICIOSA DA COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Esta Comissão, ao tomar posse dos seus cargos, tendo verificado a diminuta população associativa, tratou logo de enviar os seus esforços para organizar todos os metallúrgicos desta localidade, que são em grande número, de maneira que ao findar o movimento grevista da nossa indústria, em Março do corrente ano, tinha conseguido com o melhor êxito o seu objectivo, tendo nomeado cobreadores por oficinas e áreas e notando-se grande afluência de trabalhadores tendentes ao robustecimento do sindicato.

Esta comissão, cujo mandato está próximo a findar, vai lançar-se de novo na árdua empresa de levantar as forças sindicais, no desejo de que no fim do corrente ano os metallúrgicos de Almada se encontrem devidamente organizados, mas para isso impioioso se torna que estes compareçam às reuniões que forem convocadas, ao contrário do que tem sucedido até agora, em que uma escassa meia dúzia cumpre esse dever.

No próximo dia 21 do corrente realiza-se em Lisboa uma Conferência Metallúrgica para se ocupar de transcendentes assuntos. A essa conferência devem comparecer em massa os metallúrgicos do sul, demonstrando assim ansiosamente também a transformação social que assegure aos produtores os direitos de que tem sido esbaldados.

Teatro Nacional

HOJE

Última recita da moda

com a farça

O Cabeça de Turco

Recita dedicada ao empresário teatral MACEDO E BRITO

Interesses de classe

NORTE AMÉRICA

A odisseia dum preso

Abe Shocker, um dos 63 I. W. W. presos em San Quentin (Califórnia) suicidou-se, enforcando-se na sua cela no dia 9 de Agosto pela manhã. Por causa da última greve sustentada em San Quentin pelos presos, membros de I. W. W., Shocker esteve 42 dias encarcerado num calabouço. Quando foi levantada a sua incomunicabilidade foi necessário enviá-lo para o hospital por causa da sua fraqueza mas logo a seguir, mandaram-no para o pórtico, a fim de proceder à descarga de carvão. Passados alguns dias a gravidade do seu estado obrigou a que o enviassem novamente para o hospital, mas no dia seguinte foi mandado com escolta para uma pedreira, na qual trabalhou todo o dia. À noite entrou no seu calabouço completamente esgotado, e na manhã seguinte o seu corpo foi encontrado pendurado no tecto da sua cela.

A greve dos mineiros de Bingham

No dia 1 de Maio os mineiros de Bingham (Utah) declararam-se em greve, reclamando que a companhia lhes facilitasse lavatórios adequados, de modo a que eles pudessem lavar-se, e mudar de roupa ao abandonar o trabalho. A companhia mineira inutilizou este movimento, servindo-se da polícia para esse fim. Todos os delegados da I. W. W. foram presos e enviados para a cidade do Lago Salgado, onde foram postos em liberdade, passada uma semana. Os membros da I. W. W., depois de terem voltado ao trabalho, realizaram um comício, e resolveram então continuar a greve no próprio trabalho. O resultado desta greve pode entrever-se na seguinte nota inserta no diário «Salt Lake Tribune»: «A U. S. Mining Co.» diz ele — construirá um edifício ligado com a própria mina, e mobilado de forma a que possa servir de lavatório, e de quarto de vestir aos mineiros.

Um padre assassinado

CHICAGO, 9. — Foi assassinado um padre grego na sua igreja, na presença de 300 crentes por uma mulher de nome Mrs. Strutzky. A criminosa foi presa tendo declarado que tinha assassinado o padre Slesuk porque este tinha acusado o seu marido também padre, de se ter apropriado dos bens da igreja. Mrs. Strutzky conseguiu cometer o seu crime tendo entrado na igreja coberta com um espcoso veu e dirigindo-se para o confessional onde estava próximo do altar. Alí ajoelhou-se, tirou da sua mala uma pistola e alvejou o padre no altar com 5 tiros, dois dos quais lhe atravessaram a cabeça.

As dívidas europeias

LONDRES, 9. — O presidente Coolidge dos Estados Unidos discursando em New-York disse que os Estados Unidos estão dispostos a fazer-se pagar das dívidas que a Europa contraiu.

A revolta dos penitenciários

NEW-YORK, 9. — O pessoal da prisão de Edwylle em Kentucky viu-se obrigado a empregar gazes asfixiantes para dominar os quatro penitenciários que se tinham revoltado, tendo morto dois guardas e que se tinham barricado na cozinha do estabelecimento onde se conservavam há alguns dias, defendendo-se a tiro contra os guardas que pretendiam ali penetrar. Pretendiam fazer saltar a cozinha por meio de dinamite mas resolveu-se optar depois pelo emprego dos

A BOA PAZ

A QUESTÃO INTERNACIONAL: os sindicalistas de Berlim e a revolução alemã

Tratando no artigo anterior da revolução italiana é natural que deva tratar neste da revolução alemã, tanto mais que do manifesto do 21 consta a acusação de que os sindicalistas alemães sabotaram a revolução alemã e por isso mesmo destruída oportunamente em face dos factos, pelos próprios comunistas.

Lamento não ter arquivado esse relatório — extraviou-se-me, como sucedeu a outros documentos preciosos e oportunos. Também não me dei ao cuidado de pedir outras informações por via directa, porque se me figura não serem necessárias. Além disso se tivesse que destruir, palavra por palavra, tudo quanto se afirma no manifesto — se este trabalho a que o mesmo motivo se tem prolongado, então é que nunca mais acabaria...

Uma coisa há que ressalva: é a circunstância de o mesmo ser escrito com uma paixão tão exagerada e cega, que basta um pouco de raciocínio sereno para que criaturas desapassionadas e imparciais, ainda que pouco conhecedoras dos factos, façam o desconto necessário.

Por mim tenho algumas vezes de não reter certas apreciações tendenciosas, verdadeiras insinuações com algo de torpe para não perder o sangue frio e a boa paz não se transformar em violenta guerra.

Esta, por exemplo, de que os sindicalistas alemães sabotaram a revolução alemã de 1921, é das piores e mais

se concebe como se acreditam facilmente, numa insinuação torpe e se recita a mesma, sem o mais leve exame. Dir-se-há que o sentido crítico dos 21 está obliterado.

Ora raciocinemos um pouco. Antes da guerra quem predominava no seio das massas operárias alemãs? A social-democracia. Esta conduzia e educava as massas disciplinadamente; e o espírito de obediência ao partido constituía como que o prolongamento da educação militarista recebida desde o berço e depois da escola e na caserna. Considerava-se a organização operária alemã, sujeita ao partido, como que o vivo reflexo do partido.

Esta foi uma das causas que determinou a animadversão votada pelos revolucionários internacionalistas contra os social-patriotas alemães, e que levou muitos deles a confessar a sua simpatia pelos aliados na grande guerra.

Os sindicalistas eram então em pequeno número e dispunham de pouca força para ir de encontro à muralha construída por aquelas massas, sujeitas aos líderes e aheios aos métodos revolucionários de acção directa. O número dos sindicalistas revolucionários só cresceu após a guerra, depois da estrondosa falência do partido social democrata e especialmente depois que este foi para o poder e mais ainda após a dura repressão de Noske, justamente na revolução de 1921.

Quando se lança a acusação aos sindicalistas de Berlim de terem sabotado a revolução, esquece-se que se poderia ter sabotado a revolução quem dispusesse no momento de larga influência anti-revolucionária e esta não poderia estar exactamente na parte revolucionária, os sindicalistas, que desde muito vinham lutando contra aquela corrente conservadora que a todos esmagava. Aquela acusação é por demais demagógica para ser acreditada à face dum curto e frio raciocínio.

Porque não vingou a revolução alemã?

Não disponho de elementos bastantes para determinar as razões. Suponho que a causa principal é de ordem psicológica. Por outro lado estou convencido que a nenhuma propaganda revolucionária que despertasse as energias do proletariado por parte dos líderes da social-democracia, única que dispunha de influência, contribuiu poderosamente para o fracasso da revolução. Foi um mal que a derrota na guerra não curou inteiramente, uma vez que faltava o preparo anterior.

De todas as maneiras é torpe atribuir a uns a responsabilidade que a outros cabe. É o caso da acusação malévola lançada aos sindicalistas alemães e que os 21 recolhem para com o mesmo jogarem.

Joachim Maurin, que eu sei merecer todo o crédito aos 21, falando da revolução alemã no seu opúsculo «O Sindicalismo à luz da Revolução Russa», depois de se referir ao facto de Severing, desde o ministério do Interior, ter feito precipitar a insurreição comunista para a esmagar fácil e rapidamente, afirma: «a falta de coordenação da acção foi a causa da derrota. Quando os marinheiros do Báltico se sublevaram, querendo implantar a república dos conselhos, o resto do país permaneceu quieto. Foi fácil a Noske cair sobre os inquietos e esmagá-los. Levantada a Baviera, o mesmo ocorreu. Toda a firmeza revolucionária daquela fugaz república proletária não pôde impedir que os guardas brancos caíssem como bostas desordenadas espalhando a desolação. Mais tarde eram os mineiros do Ruhr que em Março de 1920 se ergueram, num gesto de supremo esforço, e o seu destino estava assinalado com o signo fatal da derrota. A falta de coesão revolucionária foi desastrosa».

É ocioso notar que estes factos nada têm de comum com qualquer espécie de sabotagem dos sindicalistas, posto que o interesse do sindicalismo revolucionário está exactamente na coordenação da acção das massas no acto insurreccional onde quer que este se verifique. Mas como haviam eles de ter uma colaboração mais efectiva, intensa e profunda, se o proletariado estava, por assim dizer, sob a dependência dos líderes social-democratas e comunistas, quasi unânimes a influir nas organizações das grandes massas?

Posta a questão no terreno em que a colocaram, forçoso é observá-la sob outro aspecto não menos interessante: o da intenção quanto ao interesse imediato.

Será Rodolfo Rocker quem nos iluda. Constatando o erro de se pretender «sujectar» o movimento que existe em cada país sob circunstâncias históricas diversas, às ordens dum central em Moscú — isto a propósito da política que ditam as «21 condições» — Rocker esclarece: «Assim aconteceu com o último levantamento de Março (1921) na Alemanha: essa tragédia sangrenta resultou directamente dessa política, que tam cara custou aos trabalhadores».

Os operários da Alemanha central foram simplesmente empurrados a um levantamento que todo o homem sensato sabia antecipadamente que terminaria com um horrível fracasso. Naquele momento não havia a menor relação para um levantamento das massas na Alemanha. Foi um levantamento por encomenda, o produto da ditadura. A declaração de guerra do doutor Levi e seus adeptos contra a central do Partido Comunista e as discussões que provocou nas fileiras dos comunistas alemães, facilitou-nos um pouco a acção deste trabalho obscuro.

Todos os que não estão cegos ou directamente interessados na mentira, sabem hoje que Levi disse a verdade, declarando que a primeira causa desta agitação, pela forma como aconteceu, não surgiu dos alemães. Mas como Moscú

estava interessada neste movimento, não cabe dúvida, pois, que foi ali preparado.

O governo russo achava-se, nesse tempo, numa situação crítica. As grandes greves em Petrogrado e a insurreição de Cronstadt, juntos a necessidade, geral, provocaram na Rússia uma disposição tal que poderia desenvolver-se como um grande perigo para o governo soviético. Por isso havia que encaminhar essa disposição para outra rota e o melhor meio de o conseguir foi o levantamento na Alemanha central.

A imprensa comunista governativa na Rússia publicou os informes mais delirantes desse levantamento. Contava-se aos leitores inocentes da Rússia que na Alemanha havia estalado uma nova revolução, que a «revolução mundial» ameaçava e outras larachas de igual quilate. Qualificava-se de contra-revolucionário todo o que fosse contrário à política do governo num momento tão crítico.

E ao mesmo tempo que se fustigavam os rebeldes de Cronstadt e enquanto a Tcheca procedia à caça dos anarquistas e sindicalistas em toda a Rússia, empurraram-se os trabalhadores alemães para um levantamento que não tinha nenhuma perspectiva e que só foi preparado para servir de pararáio à política de Moscú.

Para isso empregaram-se os meios mais vergonhosos: os chefes do Partido Cr...ista da Alemanha enganaram

os trabalhadores da Alemanha central dum modo bastante inconsciente, dando-lhes um quadro completamente falso do movimento. Contram-lhes que os trabalhadores do distrito de Ruhr se levantaram todos como um só homem e outras mentiras de igual feição. Em verdade o levantamento não encontrou nenhum eco em toda a Alemanha, porque 90 por cento dos trabalhadores não esperavam tal coisa.

Centenares de bravos peritos foram assassinados ou encarcerados, como sucedeu às vítimas da diplomacia secreta do Partido Comunista. As cabeças decapitadas que estão à frente do Partido Comunista de Berlim, cuja habitude consiste em rojar-se como leões ante os homens do Estado de Moscú, devem hoje calar, quando Lênine, Trotsky e Radek os tratam abertamente de idiotas pela obediência cega que demonstraram cumprindo as ordens de Moscú.

Seria interessante reproduzir as acusações mútuas que os comunistas alemães lançaram ao rosto uns dos outros, classificando-se mutuamente de traidores ao movimento que outros dizem ter sido sabotado pelos sindicalistas.

Mas basta constatar o facto para se avaliar da leveza com que os 21 reproduzem uma insinuação, cuja torpezas as múltiplas acusações entre comunistas encarrregaram de destruir.

M. J. de SOUSA

os trabalhadores da Alemanha central dum modo bastante inconsciente, dando-lhes um quadro completamente falso do movimento. Contram-lhes que os trabalhadores do distrito de Ruhr se levantaram todos como um só homem e outras mentiras de igual feição. Em verdade o levantamento não encontrou nenhum eco em toda a Alemanha, porque 90 por cento dos trabalhadores não esperavam tal coisa.

Centenares de bravos peritos foram assassinados ou encarcerados, como sucedeu às vítimas da diplomacia secreta do Partido Comunista. As cabeças decapitadas que estão à frente do Partido Comunista de Berlim, cuja habitude consiste em rojar-se como leões ante os homens do Estado de Moscú, devem hoje calar, quando Lênine, Trotsky e Radek os tratam abertamente de idiotas pela obediência cega que demonstraram cumprindo as ordens de Moscú.

Seria interessante reproduzir as acusações mútuas que os comunistas alemães lançaram ao rosto uns dos outros, classificando-se mutuamente de traidores ao movimento que outros dizem ter sido sabotado pelos sindicalistas.

Mas basta constatar o facto para se avaliar da leveza com que os 21 reproduzem uma insinuação, cuja torpezas as múltiplas acusações entre comunistas encarrregaram de destruir.

M. J. de SOUSA

DOIS FACTOS BEM TRISTES...

A fúnebre comemoração do 5 de Outubro A degenerescência duma cooperativa operária

PORTO, 6. — Verdaderamente triste o dia de sexta-feira. Foi uma genuína sexta-feira santa para os lúgubres desenhos desta nefrágica república...

Andámos quasi todo o dia a presenciar as comemorações do 5 de Outubro — comemorações, aliás, que não passaram de uma ou outra esquadra embandeirada em arco; de um ou outro foguete que qualquer colectividade democrática espadadamente fez estoirar nos ares, como bombas que, por vezes, faz rebentar nos chãos da política; de um rancho melhorado nos quartéis; de um espectacular juramento de bandeiras na guarda do Carmo, que constituía a guarda real da conceitada montepedralina; duma caserna prédicta de afirmações militaristas, e duma banda de música marcial rufando à porta do quartel geral; a qual executou a marcha fúnebre do hino patriótico na ocasião em que, pelo luso-lusco, o farapente símbolo da pátria descaia pela corda do seu mastro — corda que está enlaidada na garganta do povo a estranhalhe o grito de liberdade, masiro que é a cruz das mil mentiras com que tem ignorado todos aqueles que tiveram a desdita de acreditar nos fangantes verde-rubros da democracia, que se propuseram salvar o país... mas que deixaram apodrecer as batatas para exclusivo interesse dos seus *affaires* de baixa política e de reles mercantilismo...

Tudo murcho; concorrência de populações vulgaríssima, a despeito do feriado, isto é: das fábricas e oficinas haverem paralizado os seus labores...

Os radicais limitaram-se a ir visitar os repúblicanos que se sumiram para sempre nas campas frias do repouso eterno. E contram-lhes — como se eles ouvissem — que nada disto que hoje existe foi aquilo que eles sonharam e pela qual denodadamente se bateram — por que uma rédea de traidores e de bandidos se apoderaram da República para a prostituírem, transformando-a numa triste e sibilizada romeira...

Não tenham dúvidas, acreditem: o 5 de Outubro aqui no Porto passou como um dia de finados...

pedindo aos mortos — que das frias campas, erguendo as tampus co'o seu braço adard, elessem todos sacudir a terra, fazer a guerra na mansão da paz...

As frouxas luminárias nos edifícios públicos deram a merencória impressão de trágicos fogarões a iluminarem a entristecida scena deste tumular 5 de Outubro...

Vivas, ouvimos só um à República Portuguesa, que logo foi rebatido com um retumbante: — Calde-se! Essa senhora morreu!

E serviu de galhofa a alegria a trágica...

Porque, podem ficar scientes, é convicção geral de que estamos no limiar duma degenerescência... E os democráticos, arvorados em apaladores a certas horas da noite, portiam em desarmar toda a gente, para desarmarem os radicais...

Pobre 5 de Outubro! Que Deus te fale na alma e te dê melhor lugar do que o deste ano...

Vagueámos sorumbaticos a pensar nesta choldra comemorativa do treze aniversário da república de manto e coroa, quando alguém nos deteve para nos anunciar uma novidade, que mais nos enegrecera a alma:

«Vocês sabe. Quando se fundou, há anos, a Cooperativa dos Manipuladores de Pão, foi com um fim elevadamente altruista e perfeitamente combativo. Porisso é que ficou sempre, mais ou menos, sob o patrocínio da Associação. A Cooperativa destinava-se, em primeiro lugar, a empregar aqueles militantes da classe que eram sistematicamente perseguidos pelo patronato, em consequência da sua actividade em prol das reivindicações de carácter material e moral, em segundo lugar, fazer guerra aberta aos industriais de padaria, demonstrando-lhes que se poderia vender o produto mais em conta, mais bem manipulado e a coberto das mistificações e das roubalheiras. Nesta táctica cheia de moral exemplar, beneficiava-se o público consumidor e acreditavam-se os ideais emancipadores defendidos pelo proletariado organizado».

«E agora não segue esses princípios moralizadores?»

«Infelizmente, não. Aquilo tornou-se uma empresa comercial. Faz acordos com os patrões. Mistura as farinhas, defraudando o peso, vende tam caro e tira, relativamente, tantos lucros como o restante industrialismo de padarias».

«Nesse caso a Cooperativa traía a sua missão».

«Evidentemente. Mas mais acentuada é essa traição, se considerarmos que há uma secção da dita Cooperativa, ali para os lados da chamada Calçada dos Padeiros, que é mais tasco do que padaria: ali vendem-se vinhos e jogam-se toda a sorte de cartas a dinheiro. O empregado caixeiro recebe da Cooperativa a respectiva remuneração, para estar constantemente na jogatina. E o negócio dos vinhos e da referida jogatina corre por conta dele. A Cooperativa é, intuitiva, dá uma certa percentagem. O que mais revolva, porém, é que os corpos gerentes da degenerada Cooperativa saibam o caso e o aceitem tal qual ele está... Como

LISBOA NA RUA

A um pogo

Ontem cerca das 16 horas no quintal de uma carroaria na rua das Pretas, 43, encontravam-se brincando dois rapazes, indo um deles Alberto de Sousa, a certa altura cair num pogo que ali existe servente da referida. Dado o sinal de alarme para os bombeiros municipais, compareceu rapidamente o auto pronto socorro da estação n.º 8 conseguindo os bombeiros n.º 1530 e 231 sob as ordens do chefe Soares, retirá-lo sendo depois conduzido ao hospital de S. José onde chegou sem fala pelo que recolheu à sala de observações.

Queida

Na enfermaria de S. José, do hospital do mesmo nome deu ontem entrada António Ribeiro, de 42 anos, carroceiro, residente na rua Cidreira Manchete, oficina de serralharia que na mesma oficina caiu de uma escada, ficando contuso pelo corpo.

Queimado

Na enfermaria de Santo António deu ontem entrada Hermínia da Silva, de 12 anos, filha de António Indício e de Palmira da Silva, residente na rua do Patrocínio, 81, páteo que na residência foi atingido por uma porção de água fervente ficando queimado nas pernas.

SUCATAS

Compram-se por altos preços cobre, bronze, metal, chumbo, estanho, tipo solda e zinco. R. Nova de Carvalho, 18 junto ao arco pequeno.

Prevenção

Por este meio se previne a organização operária e todos os camaradas de que dois aventureiros sem escrúpulos passaram no Porto dizendo-se operários alemães perseguidos, com a profissão de fogueiros marítimos. Conseguiram arranjar credenciais do Sindicato Geral de los Trabalhadores de Vigo e da Federação de los Trabalhadores de Tui, para que lhes seja prestada solidariedade, afirmando também estarem recomendados pela Internacional de Berlim, o que não provam.

Correio dos presos

U. S. O. de Viana do Castelo e Federação dos Trabalhadores Rurais. — Recebemos vossos officios. S. U. Metalúrgico de Oitão. — Recebemos vosso officio. Enviem o auxílio para o endereço acima indicado.

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Auer única priviligio e acreditada universalmente por ser a que faz melhor faísca e que tem maior durabilidade.

Dúzia 50 centavos (custado com as imitações)

Venda aos centos e aos milhares. Isqueiros, assim como isqueiros, roças, tubos, pipos e tambores, nos melhores preços para revenda.

Pedras para isqueiros

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

LIMAS

As melhores são as da «União» — Tomé Feteiras, Vieira de Leiria — Pedra em todas as lojas de ferragens — Rivaltem em preços e qualidade

MARCAS REGISTRADAS

para com as melhores isqueiras.

— Senhor, exclamou Jorge tam estupefacto como surprehendido desta revelação, e procurando reassumir todo o seu sangue frio, eu não sei o que quer dizer...

— Era eu quem presidia nessa noite a junta, meu honrado Jorge...

— O senhor? exclamou o moço hesitando ainda em acreditar o senhor Lebronn. O senhor...

— Sim, era eu quem presidia, e vou dar-lhe a prova.

E assim dizendo, proferiu algumas palavras ao ouvido de Jorge.

Este, não podendo já duvidar da verdade, exclamou olhando para o fangeiro:

— Mas, senhor, o juramento que ainda há pouco me exigia...

— Era a última experiência?

— Não tem remédio senão perdoar-me, meu querido Jorge. Os pais são tão desconfortados!... Dou graças a Deus, porque o senhor não illudiu a minha esperança. Afrontou intrepidamente a experiência que eu fiz, e preferiu antes o aniquilamento das suas mais caras esperanças a uma mentira, devendo entre tanto a certeza de que eu acreditaria cegamente na sua palavra.

— Senhor, respondeu Jorge com uma hesitação que sensibilizou o mercador, poder desta vez acreditar... posso esperar... com certeza? — Pego-lhe, que me diga, que me fale com franqueza... Se soubesse o que eu sofri há pouco!

— Palavra de homem de bem, meu querido Jorge, minha filha amou, e tanto eu como minha mulher consentimos no casamento, que é do nosso agrado, porque nesse caso isco-isto vemos um futuro de felicidade para nossa filha. E' ou não é isto claro como água?

— Ah! senhor! exclamou Jorge apertando com effusão as mãos do mercador, que continuou:

— Pelo que diz respeito à época do seu casamento, meu querido Jorge... os acontecimentos de ontem... os que hoje se preparam... e o andamento que deve ter em vista a nossa sociedade secreta...

— O senhor... exclamou Jorge não podendo deixar de interromper o mercador para lhe testemunhar a sua surpresa, um instante adormecida pelo excesso de alegria, o senhor, membro da nossa sociedade secreta? Em verdade, que estou maravilhado!

— Bom, continuou o fangeiro sorrindo-se. Al temos novo motivo de admiração. Então, porque razão não posso eu pertencer a essa sociedade secreta? Porque não sou rico? Mas ainda que assim seja, não será eu, mais tanto remedio? Que posso fazer, não é verdade? num parido que tem por fim a exaltação dos proletários à vida política pelo sufrágio universal? e a propriedade pelo sufrágio universal? à propriedade pela organização do trabalho? O meu querido Jorge, é justamente pelo que eu tenho... que me pertence ajudar meus irmãos na conquista do que eles não têm.

— Isso, senhor, chama-se sentimento generoso, exclamou Jorge; porque

Pré-mineiros de S. Pedro da Cova

Importâncias recebidas em A Batalha: Joaquin J. Neto, \$50; Machado, 650; Gabriel Pedro, 10500; Quete aberta em Tomar, 16550; Ricardo Perpetuo, 800; Quete na casa Manuel da Silva, 1550; Idem, na reunião dos Fogueiros de Mar e Terra, 44330; Idem, idem da secção de rebocos e Pesca, 23550; Quete entre os corticeiros da Fabrica Cabeçadas, Lda, 25500; Quete em Tomar, 26525; José Paulo Barradas, 2550; Lopes, 2550; Quete entre um grupo de alunos da Escola Afonso Domingues, 5550; Marques Baptista, 5500; Alfredo Pedras, 1500; Raúl dos Santos, 550; José de Carvalho, 550; Santos Ribeiro, 5500; Machado, 5500; Quete na obra da rua Rosa Araújo, 18500; José Lopes, 2550; Quete na casa João Ferreira, 13550; Gonçalves Correia, 20500; João Mendes do Amaral, 2550; Quete em Tomar, 10525; Associação da Construção Civil de Estremoz, 90500; Machado, 5500. Soma, 365530.

Universidades, Academias e Escolas

Academia de Amadores de Música. — A abertura das aulas realiza-se amanhã. O maestro Pedro Blanch retoma este ano a regência da sua aula de violino, continuando a outra sob a regência do professor sr. Ivo da Cunha e Silva.

As matriculas continuam abertas para as aulas de violino, violoncello, contrabaixo, piano, harpa, canto, instrumentos de sopro, solfejo, harmonia, frances e italiano.

Vizeu — Agente. — Recebido 44524. Coimbra — A. F. — Vai à cobrança 1505 de despesas de correio.

Porto — A. Comuna. — Recebemos 15500 de L. Pacheco e 10500 de F. B. Gonçalves.

Lisboa — Custódia da Cruz. — Precisações faltar-te.

QUEM PRECISAR

Retratos grandes ou em tamanho natural e Reproduções doutros retratos, ainda que estes estejam em mau estado: : : estado : : : dirija carta a José Benedy ou postal a Administr.ção do jornal A BATALHA — Calçada do Combro, 38-A, 2.º — Boa execução e preço módico

A BATALHA

NA PROVINCIA NOS ARREDORES

LOULÉ

8 DE OUTUBRO

O pão

O custo da vida nesta localidade continua a subir escandalosamente. O preço do pão atingiu já proporções inconcebíveis, pois vende-se a 1500 cada quilo e tem geralmente menos desse peso, o que constitui um verdadeiro roubo.

Entretanto, que faz o povo? Clama, lastima-se, barafusta, diz que isto não pode ser, mas, dentro das suas igrejinhas, cala-se limitadamente. As igrejinhas são, como é de prever, os partidos políticos, designados por macacos e ursos respectivamente democráticos e nacionalistas. As designações são devidas aos próprios pandegos...

Só lamentamos o procedimento dos trabalhadores.

Gama

GRANDE VARIEDADE — DE — Bilhetes, frações e cautelas para todas as LOTERIAS PREÇOS CORRENTES Pelo correio mais \$50 para registro Fornece para revender TELEFONE 4.020 NORTE PEDIDO A F. SILVA GAMA Rua Amparo, 51 — Lisboa

Pedras para isqueiros

Metal Auver, assim como roças, ócas e maciças, tubos, molas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo do Conde Barão, n.º 55. Dirijir pedidos a Francisco Pereira Lata. (E' a casa que fornece em melhores condições).

Criança desaparecida

De casa de seus pais, Casal Ventoso, Vila Ruas — D. porta 4, desapareceu ontem pelas 9 horas um pequeno de 3 anos, de nome Alberto, que na ocasião estava em cabelo, vestia um bibe cinzento claro e calçava uns sapatos de pano, sem meias. Tem o cabelo castanho e crescido e apresenta umas cicatrizes nas pernas. Seu pai, Gaspar Nunes, pede a quem saiba do seu paradeiro que lho indique com a maior brevidade.

TEATROS & CINEMAS

Noticias

Vão muito adiantadas as obras a que a Empresa do Coliseu dos Recreios mandou proceder naquela magnifica casa de espectáculos que no final deste mês abre ao público completamente remodelada.

Ficou transferida para sábado a inauguração da época de outono no Eden Teatro com a opereta «O Chico das Pegas», de Eduardo Schwalbe, sendo o actor Alfredo Henriques quem desempenha o papel de «Chico das Pegas».

Recêlames

São Carlos reabre esta noite, com a Companhia Lucília Simões, que apresentará a peça «A Casa em Ordem», de Pinero. Além de Lucília Simões tomam parte no despenho «A Casa em Ordem» as actrizes Amélia Pereira, João Silva, Maria Sampaio, Hortense Luz, e os actores António Pinheiro, Erico Braga, Augusto Conde, Mário Santos, Joaquim Almada, Francisco Sampaio, Seixas Pereira, Lúis Barreira, Amílcar de Oliveira.

— Hoje, no Nacional, é irrevogavelmente a última recita da moda, que coincide com a penúltima representação da desopilante farsa «O Cabeça de Turco».

— Continua o preferido cinema Sálão Olympia a apresentar programas que forçosamente levarão aos seus espectadores meia Lisboa. E' que este cinema proporciona sempre filmes de arte cheios de notas interessantes e «Orla» que hoje perpassa no *deran* em um trabalho admirável, perfeito de técnica versando o entrecho em um emotivo romance de amor que desperta a atenção dos milhares de espectadores que a elle assistem.

CARTAZ

S. CARLOS — A Casa em Ordem. NACIONAL — A's 21,55 — «O Cabeça de Turco». S. LUIS — A's 21,45 — «A Prima Inglesa». POLITEAMA — A's 21,30 — «A Severa». APOLO — Não há espectáculo. AVENIDA — A's 21,30 — «A Severa». EDEN TEATRO — Não há espectáculo. MARIA VITORIA — A's 20,15 e 21,45 — «Fado Corrido». GIL VICENTE — «O Domador de Feras».

CIRCO DA FEIRA (Parque Eduardo VII. — A's 21,30 e 23,00 — Companhia de Circo e Variedades. — Vacas bravas. AVENIDA PARQUE — (Antigo Parque Mayer) — Recinto de recreio e diversões. Tercas das noites concertos e illuminações. OLIMPIA — A's 20,50 — Animatografo. SALAO FOZ — A's 11,30 e 20,50 — Variedades. CHADO TERRASSE — A's 14,30 e 20,30 — Companhia Infantil. CONDES (Avenida) — Animatografo. CENTRAL (Avenida) — Animatografo. CINE-PARIS (Rua Ferreira Borges) — Animatografo. IDEAL (Loreto) — Animatografo. ROSSIO (Arco Bandeira) — Animatografo.

seus pais eram como eu modestos comerciantes, não cairam, em consequência da ruína da sua familia, numa atroz miséria... e, às vezes, de semelhante miséria no abismo do vicio, à semilhança da infeliz oibreira com quem tu devias casar! Não, Jorge, os cidadãos inteligentes (e esses são numerosos), não separam a sua causa da de seus irmãos do povo; cidadãos e proletários, durante séculos, combatem ao lado uns dos outros, braço a braço, para conseguirem ser livres; e sangue d'elles misturou-se com o fim de cimentar a santa união dos vencidos contra os vencedores dos conquistados contra os conquistadores dos fracos e dos deserdados contra a força e privilegio! Como é pois que os interesses dos cidadãos e dos proletários não seria comum? os inimigos de uns não foram acaso os inimigos dos outros? Mas é bastante a respito de politica; falemos antes de ti, Jorge, falemos de minha filha. Uma palavra mais, e essa de bastante peso... Ontem à noite comecei em Paris a agitação, esta manhã estava ella no seu auge; as nossas secções foram avisadas; esperava-se que de um instante para outro, chamassem as armas... Estás ao facto disto?

— Sim, senhor — fui avisado ontem.

Continua

OS MISTÉRIOS DO POVO

A BRAGA DO GRILHETA

— POR — EUGENE SUE 10-10-1923

— Muito bem, senhor Jorge... eu não esperava menos da sua pessoa, rearguei o senhor Lebronn dirigindo-se para a porta.

E estendendo ainda outra vez a mão ao moço, acrescentou com voz sensível:

— Adeus.

— Adeus, senhor... disse Jorge apertando a mão do fangeiro.

Mas de repente este último, por meio de um repentino movimento, puxou o moço para si, abraçando-o e dizendo-lhe com voz comovida e com os olhos arrasados de lágrimas:

— Vem aos meus braços, Jorge, homem de bem, coração leal! não desmereces do que eu de ti julgava; não desmentes o meu conceito!

Jorge, o meu conhecido, encarava o se-

nhor Lebronn sem poder pronunciar uma só palavra; porém este disse-lhe em voz baixa:

— Há seis semanas, na rua de Lour...

Jorge estremeceu e exclamou quasi assustado:

— O senhor! por favor...

— No fundo do páteo, n.º 17, no quarto andar.

— Rogo-lhe, senhor!...

— Um maquiartista chamado Dupont, introduziu-o com os olhos vendados...

— Mas não posso responder-lhe, senhor.

— Estavam presentes cinco membros de uma sociedade secreta. O senhor prestou o juramento do costume, e retirou do mesmo mesmo modo com a venda nos olhos...

— Senhor, exclamou Jorge tam estupefacto como surprehendido desta revelação, e procurando reassumir todo o seu sangue frio, eu não sei o que quer dizer...

— Era eu quem presidia nessa noite a junta, meu honrado Jorge...

— O senhor? exclamou o moço hesitando ainda em acreditar o senhor Lebronn. O senhor...

— Sim, era eu quem presidia, e vou dar-lhe a prova.

E assim dizendo, proferiu algumas palavras ao ouvido de Jorge.

Este, não podendo já duvidar da verdade, exclamou olhando para o fangeiro:

— Mas, senhor, o juramento que ainda há pouco me exigia...

— Era a última experiência?

— Não tem remédio senão perdoar-me, meu querido Jorge. Os pais são tão desconfortados!... Dou graças a Deus, porque o senhor não illudiu a minha esperança. Afrontou intrepidamente a experiência que eu fiz, e preferiu antes o aniquilamento das suas mais caras esperanças a uma mentira, devendo entre tanto a certeza de que eu acreditaria cegamente na sua palavra.

— Senhor, respondeu Jorge com uma hesitação que sensibilizou o mercador, poder desta vez acreditar... posso esperar... com certeza? — Pego-lhe, que me diga, que me fale com franqueza... Se soubesse o que eu sofri há pouco!

— Palavra de homem de bem, meu querido Jorge, minha filha amou, e tanto eu como minha mulher consentimos no casamento, que é do nosso agrado, porque nesse caso isco-isto vemos um futuro de felicidade para nossa filha. E' ou não é isto claro como água?

— Ah! senhor! exclamou Jorge apertando com effusão as mãos do mercador, que continuou:

— Pelo que diz respeito à época do seu casamento, meu querido Jorge... os acontecimentos de ontem... os que hoje se preparam... e o andamento que deve ter em vista a nossa sociedade secreta...

— O senhor... exclamou Jorge não podendo deixar de interromper o mercador para lhe testemunhar a sua surpresa, um instante adormecida pelo excesso de alegria, o senhor, membro da nossa sociedade secreta? Em verdade, que estou maravilhado!

— Bom, continuou o fangeiro sorrindo-se. Al temos novo motivo de admiração. Então, porque razão não posso eu pertencer a essa sociedade secreta? Porque não sou rico? Mas ainda que assim seja, não será eu, mais tanto remedio? Que posso fazer, não é verdade? num parido que tem por fim a exaltação dos proletários à vida política pelo sufrágio universal? e a propriedade pelo sufrágio universal? à propriedade pela organização do trabalho? O meu querido Jorge, é justamente pelo que eu tenho... que me pertence ajudar meus irmãos na conquista do que eles não têm.

— Isso, senhor, chama-se sentimento generoso, exclamou Jorge; porque

bem raros são os homens, que, alcançando o fim desejado, com bastante fadiga, é verdade, se propõem depois a ajudar seus irmãos menos felizes...

— Não, Jorge, isso não é raro... E quando daqui a algumas horas tu vires correr as armas toda a nossa sociedade, de quem eu sou um dos chefes há longo tempo, há de encontrar entre os seus membros, comerciantes, artistas, fabricantes, homens de letras, advogados, sábios, médicos, e também cidadãos, a maior parte vivendo como eu em modesta abundância, sem ambições, não aspirando se não à exaltação de seus irmãos do povo, e desejosos de largar as armas depois da luta, para tornarem à sua vida laboriosa e pacifica.

— Ah! senhor, quanto me sinto surprehendido e ao mesmo tempo feliz do que acaba de dizer-me!

— Mas surprehendido de quê, Jorge? Porque entre elles há de ver cidadãos? Cidadãos republicanos socialistas? Encaremos seriamente as cousas Jorge; por ventura a causa dos cidadãos não está ligada à dos proletários? Exemplifiquemos: pois eu mesmo, que ontem era proletário, e a quem até hoje o acaso tem favorecido, não posso hoje ser amanhã a proletário, ou succeder isso a meu filho? Por ventura eu, como todos os outros comerciantes de pequeno trafego, não estamos a desfrutar dos mil altos barões dos cofres? Assim como nossos avós estavam à mercê dos poderosos barões dos castelos fortes? Por ventura, os pequenos proprietários não são também subjugados por

esses duques de hipoteca, por esses marqueses da usura, e por esses condes do agio? Por ventura, apesar da probidade, do trabalho, da economia e da intelligencia, não estamos nós em vésperas de ficar arruinados à menor crise por que tenha de passar o país, quando em virtude do recio, da cobice ou do capricho do satrapa, seja permitido aos autocratas do capital fechar o crédito, e recusar as nossas firmas por mais honrosas que elas sejam? Por ventura, se o crédito, em lugar de ser o monopólio de alguns, fosse, como devia ser, e há de ser, democraticamente organizado pelo estado, estaríamos nós de continuo expostos à ruína pela arrecadação súbita dos capitais, pela taxa usurária do desconto, ou pelas consequências duma concorrência desumana? Por ventura, hoje mesmo, não estamos nós todos em vésperas de nos vermos numa posição tão precária como a de teu avô, honrado inválido do trabalho, que, depois de trinta annos de labor e de probidade, morreria de miséria se não fosse a tua affeição, meu querido Jorge? Por ventura, eu, logo que fiquer arruinado como tantos outros commerciantes, poderia ter a certeza de que meu filho teria enjeño de ganhar o seu pão quotidiano? que não affrontaria como tu, Jorge, e como qualquer outro proletário, a chibna homicida, que te obriga quasi a morrer de fome todos os dias? Por ventura, minha filha... mas não, não, conheço-a em demasia, morreria antes... Mas, finalmente, quantas pobres donzellas, educadas na abundancia, e que

seus pais eram como eu modestos commerciantes, não cairam, em consequência da ruína da sua familia, numa atroz miséria... e, às vezes, de semelhante miséria no abismo do vicio, à semilhança da infeliz oibreira com quem tu devias casar! Não, Jorge, os cidadãos inteligentes (e esses são numerosos), não separam a sua causa da de seus irmãos do povo; cidadãos e proletários, durante séculos, combatem ao lado uns dos outros, braço a braço, para conseguirem ser livres; e sangue d'elles misturou-se com o fim de cimentar a santa união dos vencidos contra os vencedores dos conquistados contra os conquistadores dos fracos e dos deserdados contra a força e privilegio! Como é pois que os interesses dos cidadãos e dos proletários não seria comum? os inimigos de uns não foram acaso os inimigos dos outros? Mas é bastante a respito de politica; falemos antes de ti, Jorge, falemos de minha filha. Uma palavra mais, e essa de bastante peso... Ontem à noite comecei em Paris a agitação, esta manhã estava ella no seu auge; as nossas secções foram avisadas; esperava-se que de um instante para outro, chamassem as armas... Estás ao facto disto?

— Sim, senhor — fui avisado ontem.

Continua

